

A PRESENÇA DO SABER GEOGRÁFICO NA IDADE ANTIGA E NA IDADE MÉDIA

The presence of geographic knowledge in the ancient and middle ages

La presencia del saber geográfico en la edad antigua y en la edad media



Raimundo Alberto Costa QUEIROZ – Mestre em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Professor de Geografia da Rede Estadual de Ensino do RN, na 12ª DIREC. Mossoró, RN, Brasil. Advogado, OAB/RN 11.183. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-2615-5313>. URL: <http://lattes.cnpq.br/3419954998707067>. EMAIL: aubertocosta@hotmail.com

Marco Lunardi ESCOBAR – Doutor em Recursos Naturais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Professor do Curso de Comunicação Social e do Mestrado em Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mossoró, RN, Brasil. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-6142-8516>. URL: <http://lattes.cnpq.br/0757558121319712>. EMAIL: marcosescobar@uern.br

DOI: 10.33237/geotemas.v10i1.4232

RESUMO

O trabalho em enfoque, compreende um estudo que objetiva mostrar que o saber geográfico já se encontrava presente na Idade Antiga e na Idade Média e que as ideias geográficas produzidas nesse período foram de grande importância para formação da Geografia acadêmica moderna. Nesse contexto, a pesquisa desenvolvida utilizou o método dedutivo como ponto de partida e, é um estudo de cunho qualitativo, já que se trata de uma pesquisa bibliográfica a respeito da temática em destaque, como uma forma de, a partir da leitura do acervo bibliográfico, se obter informações válidas a respeito da presença do saber geográfico na Idade Antiga e na Idade Média. Diante do estudo, conclui-se que a Geografia científica como conhecemos hoje, é fruto de um longo processo de origem e sistematização do saber geográfico, cuja gênese remonta a Idade Antiga e se estende até sua sistematização enquanto ciência, no século XIX. As ideias geográficas ao longo dos séculos, desde a Idade Antiga passando pela Idade Média, surgiram não por acaso, mas da necessidade do ser humano se orientar e se localizar no espaço em que habitava, representá-lo através de mapas e de conhecer melhor a natureza e o universo.

Palavras-chave: Saber Geográfico; Idade Antiga; Idade Média.

Histórico do artigo

Recebido: 15 março, 2020

Aceito: 08 abril, 2020

Publicado: 30 abril, 2020

ABSTRACT

The work in focus, comprises a study that aims to show that geographic knowledge was already present in the ancient and middle ages and that the geographical ideas produced in that period were of great importance for the formation of modern academic Geography. In that context, the research developed used the deductive method as a starting point and, it is a qualitative study, since it is a bibliographic research about the highlighted theme, as a way of starting from the reading of the bibliographic collection, to obtain valid information regarding the presence of geographic knowledge in the ancient and middle ages. Given the study, it is concluded that scientific Geography as we know it today, is the result of a long process of origin and systematization of geographic knowledge, whose genesis goes back to the Ancient Age and extends to its systematization as science, in the 19th century. Geographic ideas over the centuries, from the ancient age through the middle ages, arose not by chance, but from the need for human beings to orient themselves and to be located in the space in which they lived, to represent it through maps and to better understand the nature and the universe.

Keywords: Geographical Knowledge; Old Age; Middle Ages.

RESUMEN

El trabajo en foco, comprende un estudio que tiene como objetivo mostrar que el saber geográfico ya se encontraba presente en la Edad Antigua y en la Edad Media y que las ideas geográficas producidas en ese período fueran de gran importancia para la formación de la Geografía académica moderna. En ese contexto, la pesquisa desarrollada utilizó el método deductivo como punto de partida y, es un estudio de aspecto cualitativo, ya que se trata de una investigación bibliográfica al respecto del tema en destaque, como una forma de, a partir de la lectura del acervo bibliográfico, obtenerse informaciones válidas al respecto de la presencia del saber geográfico en la Edad Antigua y en la Edad Media. A partir del estudio, se concluye que la Geografía científica como la conocemos hoy, es fruto de un largo proceso de origen y sistematización del saber geográfico, cuya génesis se remonta a la Edad Antigua y se extiende hasta su sistematización como ciencia, en el siglo XIX. Las ideas geográficas a través de los siglos, desde la Edad Antigua pasando por la Edad Media, surgieran no por acaso, sino de la necesidad del ser humano de orientarse y localizarse en el espacio en que habitaban, representarlo por medio de mapas y de conocer mejor la naturaleza y el universo.

Palabras-clave: Saber Geográfico; Edad Antigua; Edad Media.

1 INTRODUÇÃO

A concepção do que se entende por Geografia, não tem sido homogênea ao longo de sua história enquanto conhecimento e ciência, visto que para alguns autores ela já foi vista como o estudo da superfície terrestre; para outros, a síntese de todas as ciências existentes na Terra; o estudo científico da paisagem; o estudo da diferenciação de áreas; o estudo do espaço, até chegar a concepção mais atual, que a ver como o estudo das relações entre o homem e o meio, isto é, sociedade e natureza (MORAES, 2005).

A Geografia moderna, hoje entendida como uma ciência humana, que procura compreender e explicar as relações próprias da natureza, as relações próprias da sociedade e de uma maneira mais abrangente e integrada as relações estabelecidas entre

a sociedade e a natureza, no constante processo dialético de produção e reprodução do espaço geográfico, é fruto de um longo processo histórico, que data desde os primórdios das primeiras civilizações.

Enquanto ciência, de acordo com Andrade (1992) e Moraes (2005), a Geografia, trata-se de uma ciência relativamente jovem, visto que, somente se sistematizou academicamente no século XIX na Alemanha. Entretanto, enquanto um conhecimento, voltado para atender as necessidades humanas de orientação, localização no espaço e de conhecimento da natureza e do universo, é um saber milenar, que surgiu desde a Idade Antiga. Neste sentido, vejamos:

Os fundamentos históricos da ciência geográfica reportam-se à Grécia antiga, tida como a primeira cultura conhecida a explorar ativamente a geografia como ciência e filosofia. (GODOY, 2010, p. 11).

O termo Geografia é usado desde a Antiguidade Clássica, entretanto, o conhecimento geográfico se encontrava fragmentado e disperso. Definia-se como Geografia, os relatos de viagens, os escritos literários, os relatórios estatísticos, etc. (MORAES, 2005).

De acordo com Moreira (2009), o filósofo grego, Estrabão, considerado o criador da Geografia, que viveu entre 64 a.C. e 24 d.C., dizia que a Geografia familiarizava os ocupantes da terra e dos oceanos, com a vegetação, os frutos e peculiaridades dos vários quadrantes da terra, enfatizando, que o ser humano que a cultivava era um ser interessado intensamente no grande problema da vida e da felicidade humana.

Na Idade Antiga e na Idade Média, as ideias geográficas apesar da Geografia ainda, não existir enquanto uma ciência acadêmica sistematizada, sempre esteve presente nas sociedades humanas desse período. No Egito, Mesopotâmia, Grécia Antiga, Roma Antiga, Povo Árabe, entre outros povos, as ideias geográficas já faziam parte da vida cotidiana dos seres humanos (ANDRADE, 1992).

Neste contexto, o presente artigo, objetiva mostrar, à luz da ciência, que o saber geográfico já se encontrava presente na Idade Antiga e na Idade Média e que as ideias geográficas produzidas nesse período foram de fundamental importância dentro do longo processo histórico, que culminou para formação da Geografia acadêmica moderna, conforme evidenciam Andrade (1992) e Moraes (2005).

2 METODOLOGIA

A pesquisa científica para ser realizada depende de um referencial metódico para o seu sucesso, dessa forma, enquanto conhecimento sistematizado, o método é, portanto, o caminho a ser seguido pela realização de qualquer trabalho científico, e sua escolha conforme enfatiza Ruiz (2002), depende da melhor adequação ao objeto de estudo a ser estudado:

O método confere segurança e é fator de economia na pesquisa, no estudo, na aprendizagem. Estabelecido e aprimorado pela contribuição cumulativa dos antepassados, não pode ser ignorado hoje, em seus delineamentos gerais, sob pena de insucesso (RUIZ, 2002, p.137).

Para tanto, a pesquisa desenvolvida, adotou o método dedutivo como ponto de partida e trata-se de um estudo de cunho qualitativo, pois em seu direcionamento metodológico voltou-se para uma pesquisa bibliográfica a respeito da temática em foco, como uma forma de, a partir da leitura do acervo bibliográfico consultado, obter informações sobre o tema pesquisado, e chegar assim a uma conclusão acerca da presença do saber geográfico na Idade Antiga e na Idade Média (RUIZ, 2002), (DIEHL; TATIN, 2004).

Por fim, no tocante à finalidade da pesquisa, classifica-se a mesma, como descritiva e exploratória e, quantos aos meios utilizados, é do tipo, bibliográfica (GIL, 2006).

3 O SABER GEOGRÁFICO NA IDADE ANTIGA

O saber geográfico possui uma longa história de formação, marcada por visões de mundo e por discussões teóricas, filosóficas, epistemológicas e metodológicas, reportando, os fundamentos desta história desde os povos primitivos à Grécia Antiga, onde conforme salienta Godoy (2010), desenvolveu-se uma cultura de cunho racionalista, que se afastou do mito e voltou-se para o estudo da Filosofia e, também, do saber geográfico.

Segundo Andrade (1992) os povos primitivos, que representam aqueles que viveram no período da pré-história, mesmo sem possuírem a escrita, já possuíam, eles, uma visão de mundo, vida e cultura impregnada de ideias geográficas. Eles faziam correlações entre a Terra e os astros que observavam e, dessa forma, em seu saber prático já cultivavam o saber geográfico. Como bem coloca Claval (2014, p. 55) “A aptidão para se

orientar e para reconhecer constitui a base de toda démarche geográfica, vernacular ou científica”.

Conforme salienta, Andrade (1992) os Indígenas, que possuíam sociedades que estavam em contato direto com a natureza, retirando da mesma os elementos que precisavam para viver, mesmo de forma pouco expressiva já modificavam a natureza, já que extraíam dela os materiais que eram utilizados para fazer suas habitações, barcos, armas e utensílios. Eles já conheciam as áreas fluviais e costeiras mais piscosas e os mecanismos das estações, fazendo inclusive migrações.

Os quéchuas, na América Andina, por exemplo, chegaram a construir o Império Inca com cidades importantes em pontos estratégicos, tanto do ponto de vista militar como do abastecimento alimentar. Tinham eles uma noção do movimento de translação da Terra e da importância da orientação (ANDRADE, 1992). Os Polinésios, que viviam em um oceano repleto de ilhas, desenvolveram a arte da navegação, estabeleceram comunicações entre ilhas distantes e conheciam a direção dos ventos e das correntes marinhas que facilitam a navegação (ANDRADE, 1992).

Neste mesmo contexto, de acordo com Andrade (1992) os povos orientais produziram um conhecimento empírico da Geografia, bem como, também, fizeram observações e estabeleceram estudos matemáticos, que contribuíram para origem do conhecimento sistemático do mundo.

As civilizações agrícolas da Mesopotâmia e do Egito, que sempre foram dependentes da irrigação, levaram os agricultores a estudar os rios Tigres e Eufrates, fato este importante para o desenvolvimento de estudos de hidrografia fluvial e da geometria. Já os fenícios, navegaram pelo Mediterrâneo e pelo Mar Negro, atravessaram o estreito de Gibraltar e exploraram a costa europeia e a africana. Chegaram eles inclusive, conforme salienta Andrade (1992) a fazerem a circunavegação da África, a serviço do Faraó Necão II, no século VII a.C.

Os gregos, criadores da Filosofia, como conhecimento pautado na racionalidade, que surgiu com a intenção de explicar a realidade a partir do prisma da razão e como grandes navegadores que eram, conforme Andrade (1992), estabeleceram diversas colônias no Mar Mediterrâneo, desenvolveram o comércio e o conhecimento sobre os lugares que exploravam. Foi na Grécia que se originou toda base da geografia científica.

A originalidade do pensamento grego, de onde toda geografia científica se origina, é ter imaginado um procedimento de orientação e de localização

fundado nas referências astronômicas. A ideia não é evidente, nada o demonstra melhor do que a longa história de sua elaboração: sua gênese se exigiu três séculos; sua utilização completa demandou vinte. A ideia básica é que se pode tirar da observação do céu muito mais do que um sistema de direções fixas: uma grade de referência com a qual definir todas as localizações que se deseja distinguir na superfície da Terra (CLAVAL, 2014, p. 55).

Muitos pensadores da Grécia Antiga, de acordo com Andrade (1992), se destacaram pelo conhecimento que produziram. Dentre eles é possível citar: Homero, que nos poemas *Íliada* e *Odisseia* descreveu a guerra dos Estados gregos contra Tróia; Estrabão, que escreveu um livro com 17 volumes, intitulado “Geografia”, onde procurou descrever o mundo conhecido naquela época, cabendo a este filósofo, inclusive, o mérito de ter utilizado pela primeira vez o termo Geografia.

Os gregos, de acordo com Andrade (1992) e Godoy (2010), inclusive, já aceitavam que a Terra era esférica, fato este defendido por Aristóteles, ao observar que durante o eclipse solar, a Terra projetava na lua uma sombra redonda. Este filósofo, dedicou-se, também, ao estudo de temas como: erosão, formação dos deltas, relação entre plantas e animais e o meio físico, as variações do clima com a latitude, as estações do ano, as relações entre as raças humanas e as formas políticas. Já Eratóstenes, conforme Andrade (1992) e Claval (2014), mediu a circunferência da Terra, chegando à conclusão de que ela teria aproximadamente 42.000 quilômetros, medição esta, que pouco se difere da aceita atualmente, que é de aproximadamente 40.000 quilômetros.

Na Grécia Antiga, conforme Godoy (2010), sete sábios merecem destaque no tocante ao conhecimento racional dos fenômenos naturais e humanos, que contribuíram para a gênese do conhecimento geográfico. Esses pensadores foram: Tales de Mileto, Periandro de Corinto, Pítaco de Mitilene, Brias de Priene, Cleóbulo de Lindos, Sólon de Atenas e Quílon de Esparta.

Tales de Mileto (624-556 a.C.), tratou das dimensões e da órbita do sol e da lua, estudou as estrelas e propôs uma série de teoremas trigonométricos; Periandro de Corinto (627-585 a.C.), investiu na dragagem dos portos de Corinto e a transformou em um grande centro cultural; Pítaco de Mitilene (640-568 a.C.), ao governar a cidade Mitilene tentou restringir o poder da nobreza e apoiou-se nas classes populares; Brias de Priene (século VI a.C.), constantemente era consultado sobre assuntos litigiosos e negava-se a empregar seu talento em proveito da injustiça; Cleóbulo de Lindos (viveu por volta 600 a.C.), ficou conhecido como um dos mais importantes legisladores da democracia ateniense; Sólon de

Atenas (640-558 a.C.), conhecido com legislador, instituiu a solidariedade entre as classes sociais e o tratamento justo para cada cidadão, além de ter feito viagens longas com a descrição dos lugares conhecidos e Quílon de Esparta (século VI a.C.), introduziu em Esparta os costumes de que os éforos (magistrados), deveriam desempenhar a função de conselheiros dos reis e os responsáveis pela militarização da vida civil e a educação dos jovens atenienses (GODOY, 2010).

Os sete filósofos, deixaram de lado as explicações dos fenômenos naturais e sociais baseadas apenas na mitologia e buscaram resposta mais lógicas para suas indagações, pautadas no ponto de vista do raciocínio, ou seja, na razão. Foram estes pensadores, estadistas ou legisladores notáveis pela sabedoria prática que possuíram e, dessa forma, instituíram uma nova ética e moral, com a criação de leis e regras de conduta que foram consideradas inovadoras e necessárias as relações humanas e a vida em sociedade, aproximando-se da Geografia, na medida em que promoveram o advento de uma nova forma de organização política na Grécia Antiga, dando origem a novas nações ou conservando aquelas já fundadas (GODOY, 2010).

Os filósofos pré-socráticos, que de acordo com Chauí (2012) e Abrão (2008), buscavam encontrar aos olhos da razão o princípio natural, eterno, imperceptível e imortal gerador de todos os seres, que eles chamavam de *physis*, deram uma atenção especial ao estudo do universo e da natureza. Estes filósofos organizaram-se em 4 escolas: escola jônica, escola itálica, escola eleata e a escola da pluralidade (NICOLAS, 2005).

A escola jônica, desenvolveu-se na região da Jônia, atual Turquia. Buscou explicar as diferenciações do mundo até então conhecido, tendo sido os filósofos dessa escola, segundo Godoy (2010), os primeiros filósofos em sentido figurado, pelo fato de terem sido pioneiros na produção de um conhecimento metodológico que buscou explicar, a luz da razão, a influência do clima, dos mares e dos rios na superfície da terra, além do conhecimento produzido sobre o Universo.

A escola itálica, surgiu na região da magna Grécia, atual sul da Itália. Por meio de Pitágoras de Samos, concebeu a matemática como um sistema de pensamento, apoiado em provas de caráter dedutivo, contribuindo para a geografia com ideias novas no campo da astronomia. A escola eleata, teve origem na cidade grega de Eleia. Concentrou suas questões filosóficas na comparação entre valor do conhecimento sensível e o do conhecimento racional, concluindo que o único conhecimento de validade era aquele que fosse adquirido pela razão. Por fim, a escola da pluralidade, defendia que não existia um princípio único que formava todo o universo, mas que o universo foi originado pela

composição de diversos princípios, como, por exemplo: terra, água, ar, fogo, *Nous* (espírito, mente ou inteligência), partículas minúsculas e o átomo (GODOY, 2010); (NICOLA, 2005).

Levando em consideração a contribuição que foi dada pelos filósofos pré-socráticos para o conhecimento geográfico, merece destaque os filósofos, Tales de Mileto, Anaxímenes de Mileto e Anaximandro de Mileto da escola jônica; os filósofos Pitágoras de Samos e Arquitas de Tarento da escola itálica e o filósofo Empédocles de Agrigento da escola da pluralidade.

Tales de Mileto (624-556 a.C.), estabeleceu os princípios do pensamento teórico evolucionista, ao afirmar que o mundo teria evoluído da água por processos naturais, explicou o eclipse solar e especulou sobre as dimensões e a órbita do sol e da lua. Anaxímenes de Mileto (588-524 a.C.), dedicou-se a meteorologia e defendeu que a luz da lua era proveniente do sol. Anaximandro de Mileto (610-547 a.C.), com base na observação e na reflexão, chegou a mesma conclusão dos cientistas modernos, ou seja, de que o mundo se sustenta por um equilíbrio de forças (teoria da gravidade) e que o sol fazia surgir seres de estruturas simples na água, que posteriormente migravam para a terra firme e adquiriam estrutura complexa (teoria da evolução). Pitágoras de Samos (570-496 a.C.), contribuiu com ideias inovadoras na área da astronomia, como a de que a Terra é esférica e de que os planetas giravam ao seu redor, explicou a alternância dos dias e das noites como uma consequência do movimento de rotação da Terra. Arquitas de Tarento (428-347 a.C.), desenvolveu um modelo tridimensional para duplicar o cubo, ligando-se a geografia em razão de técnicas quantitativas utilizadas na atualidade. Por fim, Empédocles de Agrigento (495-435 a.C.), criou os primeiros passos da Teoria Evolucionista ao afirmar que somente sobreviveria na natureza aquele mais bem capacitado. (NICOLA, 2005) e (GODOY, 2010).

Sendo o saber filosófico uma visão racional dos fenômenos naturais e humanos e uma prática de vida que busca estudar os acontecimentos além das aparências e impressões do senso comum, o conhecimento filosófico desenvolvido pelos filósofos gregos, deu uma contribuição significativa para o estudo da natureza e, conseqüentemente, para a Geografia.

Veremos a seguir, exemplos, de acordo com Andrade (1992), Moraes (2005) e Godoy (2010), de filósofos gregos que, também, deram importantes contribuições ao estudo de temáticas ligadas direta e indiretamente ao saber geográfico.

O filósofo Megástenes (350-290 a.C.), após viajar pelo território indiano, escreveu uma obra intitulada de "Índica", onde descreveu a cordilheira do Himalaia e a Ilha Sri Lanka.

Píteas (380-310 a.C.), descreveu o sol da meia noite, a aurora polar e os gelos polares, mencionou as tribos germânicas em seus escritos e fez diversos relatos de suas viagens em um livro denominado de “Do oceano”.

Aristóteles (384-322 a.C.), no plano geográfico, estudou o cosmo, apresentado pelo mesmo como uma esfera finita, dedicou-se ao estudo da história natural, zoologia, botânica, sendo seus trabalhos precursores da biogeografia e da zoogeografia.

Theophrastus (371-287 a.C.), foi pioneiro no estudo da botânica e da biogeografia, pois iniciou o estudo científico das plantas e criou o primeiro jardim botânico ocidental, que se localizava em Atenas.

Heródoto (485-420 a.C.), identificado como o primeiro historiador da humanidade, percorreu uma extensa área do mundo habitado e conhecido na época em que viveu. Viajou do Sudão até a Ucrânia e da Índia até o Estreito de Gibraltar. Este pensador estudou e descreveu os fatos históricos dos lugares que conheceu.

O Filósofo, Eratóstenes de Cirene (285-194 a.C.), confeccionou mapas dos continentes, fez o cálculo da distância entre o sol e a Terra, elaborou um catálogo com 675 estrelas, mediu a inclinação da eclíptica e calculou a circunferência da Terra.

Hiparco (190-126 a.C.), empregou rigorosos princípios matemáticos para localização de pontos na superfície terrestre, fez a descoberta da precessão dos equinócios, criou o sistema de localização geográfica por meio do cálculo da latitude e longitude, desenvolveu o método das projeções cartográficas e dividiu o mundo em zonas climáticas.

Estrabão (63 a.C. - 24 d.C.), escreveu uma extensa obra intitulada “Geografia”, composta por dezessete livros. Esta obra continha a história e a descrição de povos e locais do mundo que era conhecido naquela época.

Tiro (210-150 a.C.), foi um pioneiro nas projeções cartográficas, deixou cartas geográficas de várias regiões conhecidas na época e defendia que a Terra era redonda.

Ptolomeu (90-168 d.C.), escreveu uma obra denominada de “*Geographia*”, subdividida em oito volumes. A referida obra reunia todo o conhecimento geográfico greco-romano. Tratou de temáticas geográficas como as coordenadas geográficas, o sol, a lua, as estrelas, os planetas, o astrolábio dentre outras.

Pausânias (115-180 d.C.), autor da obra composta de dez livros, “Descrição da Grécia”, onde descreveu diversas localidades da Grécia Antiga.

A Grécia foi conquistada pelos romanos no século II e I a.C.. Sendo os romanos bem inferiores culturalmente aos gregos, assimilaram a cultura grega, chegando inclusive,

a utilizarem seus pedagogos para ensinar aos seus filhos. Pragmáticos como eram, os romanos, desenvolveram no máximo a organização do seu império e o comércio sobre as diversas províncias que o formavam. Deram eles uma maior importância a Geografia descritiva e tiveram menor preocupação com a Geografia matemática, deixada aos sábios gregos (ANDRADE, 1992).

Neste contexto, os grandes geógrafos romanos, Pompônio Mela e Plínio, de acordo com Andrade (1992), foram estudiosos mais preocupados em descrever o vasto império romano, a importância das cidades e os problemas relacionados ao abastecimento das mesmas, os povos e etnias que se distribuíam pelo território e os problemas de fronteiras, indicando os povos localizados nos limites do império, que colocavam em risco a estabilidade da paz romana.

4 O SABER GEOGRÁFICO NA IDADE MÉDIA

Para Andrade (1992), diante da queda do Império Romano do Ocidente, a expansão do islamismo, a expansão turca no oriente e a fragmentação progressiva do Império de Bizâncio, ocorreu uma reestruturação territorial na Idade Média, pois surgiram novas fronteiras e outras desapareceram, havendo, assim, um retrocesso do conhecimento na Europa Ocidental.

Entretanto, em áreas específicas onde houve a formação de estados fortes e a intensificação das viagens e do comércio, aconteceu a integração das tradições gregas e latinas com a de povos árabes. É o caso da expansão que foi realizada pelos árabes sob os fundamentos religiosos do islamismo e as viagens dos escandinavos nos mares setentrionais, que os levaram a chegar até a Islândia, Groelândia e América do Norte (ANDRADE, 1992).

Os árabes, conforme Andrade (1992), após a pregação de Maomé e a conversão dos povos que viviam na península arábica ao islamismo, passaram a realizar guerras de conquistas e dominaram as terras do Império Bizantino, da Ásia Menor e da África. Em um período de um pouco mais de um século os árabes dominaram as velhas civilizações da Síria, palestina, cristãs ortodoxas, o norte da África e toda a Península Ibérica.

Possuidores de um império tão extenso, os árabes organizaram as vias de transporte ligando as diversas áreas de sua dominação e apossaram-se de documentos e livros de grande valor cultural dos gregos. Traduziram essa literatura para o árabe, a partir

do século XI, entrando assim em contato com o pensamento dos sábios gregos (ANDRADE, 1992).

Alguns estudiosos árabes, segundo Andrade (1992), realizaram viagens de longa extensão e estudaram não apenas as condições naturais e os recursos naturais das áreas percorridas, mas também, estudaram as instituições e os costumes dos povos dominados. Esses estudiosos, deixaram obras valiosas de grande interesse para ciência geográfica. Dentre esses escritores se destacaram “El Edrisi, Ibn Batouta e Ibn Khaldum”, que fizeram uma reflexão apurada acerca das sociedades de seus tempos, dedicando-se, portanto, ao estudo do saber geográfico.

Ibn Khaldum, inclusive, teve sua obra, “os prolegômenos ou filosofia social”, traduzida para o português, no Brasil, no ano de 1959, além de ter sido objeto de análise, em um livro do geógrafo francês, Yves Lacoste, no ano de 1966, intitulado, “Ibn Khaldum: Naissance de l'histoire passé du tiers-monde” (Ibn Khaldum: Nascimento da história do terceiro mundo).

O Império Árabe, de acordo com Andrade (1992), foi conquistado pelos turcos, ocorrendo no Século IV a conquista das províncias orientais e no século XV a conquista de Constantinopla e a destruição do Império Bizantino. A interrupção pelos turcos do comércio entre o ocidente e o oriente, provocou problemas aos países europeus católicos. Diante desse contexto, a Igreja Católica, passou a organizar as Cruzadas, que foram grandes expedições comandadas pela igreja para lutar contra os turcos e restabelecer o domínio dos cristãos nos lugares considerados sagrados, além também, de garantir a manutenção das rotas comerciais desses países católicos.

Desse intercâmbio os cristãos passaram a ter maior contato com as obras dos gregos, que haviam sido dominadas pelos turcos e também com a própria cultura árabe, que nos deixou como legado os algarismos árabes e a transmissão de conhecimentos de invenções dos chineses, como por exemplo a bússola, o papel e a pólvora (ANDRADE, 1992).

Já os povos nórdicos (noruegueses e dinamarqueses), ainda na Idade Média, segundo Andrade (1992), navegaram pelos mares setentrionais do oceano atlântico. Eles descobriram ilhas como: Orcadas, Shetland e Faeroer no norte da Escócia. Conseguiram eles chegar até a Islândia, Groelândia e até mesmo a América do Norte, no norte do Canadá. Para poderem realizarem estas viagens estes povos precisaram desenvolver conhecimento de cunho geográfico como: do regime dos ventos, da direção e intensidade

das correntes marítimas, do movimento oscilatório das águas do mar, da influência das geleiras e das condições climáticas.

Durante a Idade Média, problemas de ordem cultural exerceram grande influência no pensamento geográfico em razão da influência e poder que a Igreja Católica teve nesse período. A igreja procurou desenvolver a fé cristã e adaptar todas as ideias e concepções de mundo aos ensinamentos bíblicos (ANDRADE, 1992).

Segundo Bauab (2007), o saber gerado na sociedade medieval se fez sempre recortado pelo que havia sido revelado pela religião e tal realidade trouxe consigo a impossibilidade da absorção plena do novo e, conseqüentemente, da ideia moderna do conhecimento científico, vista como o acúmulo de contribuições individuais e coletivas. De acordo com esta autora, os geógrafos medievais produziram um saber simbólico-quantitativo, tendo como amparo as máximas do cristianismo e nesse contexto, descreveram muito pouco a realidade do estado empírico do mundo de seu tempo.

A religião serviu de base para o conhecimento geográfico medieval, influenciando, dessa forma, diretamente, a relação de alteridade entre o sujeito e o objeto no processo de produção da ciência. Diante desse contexto, o conhecimento geográfico, fora certamente muito influenciado pelo dogmatismo religioso. Neste sentido, (BAUAB, 2007, p. 164), enfatiza:

Sendo a religião a base do conhecimento medieval, a sua incidência sobre o saber geográfico não poderia ser diferente da ocorrida frente a outros saberes. Se na Antigüidade, a Geografia produzida no Ocidente detinha uma função prática, narrando, para fins políticos, comerciais, os conteúdos de diferentes porções do ecúmeno, ou medindo-as em uma perspectiva matemático-astronômica, como as contribuições de Eratóstenes (275-194 a.C.) Ptolomeu (100 d.C.) demonstraram, na Idade Média o mesmo não ocorreu. As informações sobre o mundo conhecido ou mesmo a sua representação cartográfica, recebiam, sempre, a intervenção do saber religioso predominante no período, destituindo o conhecimento geográfico de uma atualização histórica, de uma veracidade empírica.

Ainda, nesta perspectiva, de influência da religião no conhecimento geográfico produzido na Idade Média, Carvalho (1994), aborda que no período medieval, houve a colocação de obras importantes em segundo plano, como a Geografia de Ptolomeu (Século I e II d.C.) e, em contrapartida, ocorreu a expansão de uma perspectiva geográfica pautada na mitologia e religiosidade. De acordo com esta autora, Isidoro de Servilha; Orosius e Santo Agostinho, produziram, por exemplo, uma Geografia de seu tempo, influenciada pelos dogmas religiosos predominantes na época.

É válido salientar, conforme enfatiza Andrade (1992), que mesmo nesse período marcado pela religiosidade, o conhecimento geográfico, que sofreu descontinuidade em relação à Idade Antiga, não ficou estagnado por completo, visto que, ainda que lentamente, foi desenvolvido, pois nesse período houve discursão entre os pensadores da época acerca da distribuição das terras e das águas na superfície da terrestre; a cartografia antiga foi reformulada com as navegações; despertaram grandes discursões a respeito da origem dos continente e dos mares; os rios já eram objeto de preocupação para os estudiosos; a atividade vulcânica característica do mar Mediterrâneo, já despertava a preocupação dos pesquisadores e, com as navegações, houve uma preocupação direta com os fenômenos das marés, com a alternância da elevação e o rebaixamento do nível do mar e com a mudança da direção das correntes litorâneas.

Orosius e Isidoro de Sevilha, foram escritores medievais, que escreveram enciclopédias, que abrangiam quase todos os ramos do conhecimento. Orosius, que foi um padre espanhol que viveu no século V, por exemplo, aparentemente influenciado por Santo Agostinho, de quem foi seu discípulo, foi uma referência para muitos autores da época medieval, pois foi citado por quase todos os autores de enciclopédias até 1300 d.C. (BAUAB, 2007).

De acordo com (CARVALHO, 1998, p. 50), “As “enciclopédias” medievais foram, por excelência, o tipo de literatura onde estava reunido o conhecimento geográfico”. Nessas obras, estavam reunidas informações diversas de cunho geográfico na Idade Média, como: descrição e criação do mundo, distribuição populacional, fenômenos relacionados ao clima, vegetação, diversidade biológica, pedras preciosas, além de história política.

Em sua obra “Historia Adversum Paganos”, Orosius, escreveu um capítulo introdutório sobre os países do mundo de seu tempo, possuindo tal obra uma significativa independência diante a Ptolomeu e Plínio, tendo como base autores anteriores como por exemplo Estrabão (KIMBLE apud BAUAB, 2007).

De acordo com Kimble (2000), Isidoro de Sevilha (600-636 a.C.), foi o autor da mais representativa compilação da Idade média. Escreveu uma obra intitulada “Etymologiae ou Origens”, composta por 20 livros, onde o décimo terceiro livro e o décimo quarto, abordam informações importantes de caráter geográfico. O décimo terceiro livro desta obra, trata de discutir o mundo como um todo, descrevendo sobre a forma da Terra. Já o décimo quarto, realiza uma divisão política do mundo conhecido na época.

Dessa forma, percebe-se que o conhecimento geográfico produzido durante a Idade Média, teve suas limitações, em razão da grande influência exercida pela religião

neste período. A Geografia desse período era, portanto, muito qualitativa e cheia de simbolismo bíblico.

Kimble (2000), chegou a afirmar, inclusive, que autores da Idade Média como: Orosius, Isidoro de Sevilha, Maur, Cosmas Indicopleustes e vários outros estudiosos do período da patrística, não produziram um conhecimento geográfico originário do seu tempo, pois apenas reproduziram o que encontraram nos livros e nas contribuições das autoridades do passado.

Mesmo tendo sido a Idade Média um período caracterizado pela religiosidade e de pouco avanços científicos, segundo Andrade (1992), numerosos viajantes partiram do ocidente, da Itália principalmente, à procura das terras do Extremo Oriente, onde se sabiam existir o grande Império Mongol.

Entre esses viajantes pode-se destacar, por exemplo, o monge, Plano de Carpini, que embora sem obter resultados práticos, no século XIII, manteve contatos com o soberano mongol e o comerciante veneziano, Marco Polo, que viajou na companhia do seu pai até a China e lá chegando se colocou a serviço do soberano Mongol, somente voltando à Itália mais de 20 anos depois.

A partir do intercâmbio com os árabes, que guardaram boa parte dos escritos dos sábios gregos e romanos, vários temas discutidos no período medieval foram retomados do período grego romano. Um destaque desse fato foram os padres, Alberto Magno e Tomás de Aquino, que renovaram e puseram em discussão as ideias de Aristóteles. “Daí, a crença na esfericidade da Terra, apesar de condenada pela Igreja Católica, no fim da Idade Média e a preparação dos grandes movimentos que geraram os Tempos Modernos.” (ANDRADE, 1992, p. 36).

Por fim, resta evidente, que a Geografia produzida durante a Idade Média, foi marcada pela presença maciça do simbolismo religioso, entretanto, isso não significa dizer que foi a geografia desse período, um conhecimento inútil, mas apenas, que foi um conhecimento adaptado a realidade do seu tempo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo realizado, percebe-se notoriamente, que embora a Geografia tenha se sistematizado enquanto ciência apenas no século XIX na Alemanha, o saber geográfico é muito mais antigo, pois teve sua gênese com os povos primitivos, que embora ainda não possuíssem a escrita, já tinham uma visão de mundo formada e uma cultura onde

o conhecimento geográfico já se encontrava presente, na medida em que estes povos precisavam se orientar e se localizar no ambiente em que viviam. Para isso, eles construíram correlações entre a Terra e os astros do universo.

Estes povos, já tinham um conhecimento empírico da natureza, pois já conheciam as áreas fluviais e costeiras mais aptas para pesca, já sabiam diferenciar os mecanismos das estações, que deles se utilizavam para migrações e, até já transformavam a natureza, quando queimavam as florestas para prática da agricultura.

Com os Gregos, foi lançado os primeiros fundamentos da ciência cartográfica, foi utilizado o método astronômico para a determinação de posições na superfície terrestre, a criação das coordenadas geográficas, das primeiras projeções cartográficas, a medição da circunferência da Terra, o estudo das plantas, dos animais e do universo. Foi na Grécia onde se originou as bases do que se tornou séculos mais tarde a Geografia científica.

Os romanos ao conquistarem a Grécia se apropriaram do conhecimento dos gregos e no plano geográfico não inovaram. Pragmáticos como eram se preocuparam mais em descrever o grande império romano, enfatizando a importância das cidades e os problemas relacionados ao abastecimento das mesmas, os povos e etnias que se distribuíam pelo território e os problemas relacionados as fronteiras.

Com a Idade Média, problemas de ordem cultural exerceram grande influência no pensamento geográfico em razão do grande poder que a Igreja Católica teve nesse período. A igreja, dentro de seu dogmatismo religioso, buscou desenvolver a fé cristã e adaptar todas as ideias e concepções de mundo aos ensinamentos bíblicos.

Nesta perspectiva, conforme Andrade (1992), houve um retrocesso ou descontinuidade em relação a Idade Antiga do saber geográfico, mas que foi atenuado com o intercâmbio com os Árabes no final da Idade Média, já que os estudos ressurgiram e desenvolveram-se, seja pelo enriquecimento de informações e de descobertas ou pela retomada dos sábios gregos.

Diante desse contexto, percebe-se, que a Geografia moderna, que pode ser entendida como uma ciência humana voltada para o estudo das relações entre a sociedade e natureza e suas implicações socioambientais, buscando explicar o relacionamento entre os dois domínios da realidade: a natureza e a sociedade; é o produto de um longo processo de formação do conhecimento geográfico, que embora disperso, como afirma Moraes (2005) se inicia na antiguidade clássica.

Dessa forma, pode-se concluir, que o saber geográfico produzido durante a Idade Antiga e a Idade Média, deu uma contribuição importante para formação da Geografia moderna, pois foi nesse período que o conhecimento geográfico teve sua gênese.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. de. **Geografia, ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1992.

ABRÃO, B. S. et al. **Enciclopédia do estudante**: história da Filosofia: da antiguidade aos pensadores do século XXI. São Paulo: Moderna, 2008.

BAUAB, F. P. Idade Média e conhecimento geográfico. **Revista Faz Ciência**, Londrina v.9, n.9, jan./jul., 2007, p. 149-166. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/view/7499/5540>>. Acesso em: 02 dez. 2019.

CARVALHO, M. S. de. Geografia e utopias medievais. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**. Londrina, v.15, n.3, set, 1994, p. 223-238.

CARVALHO, M. S. de. **Geografia e Imaginário na Idade Média**. In: RAE'GA (Boletim do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná). Ano 1. n.1. 1998, p. 45-60. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/raega.v1i0.17914>

CLAVAL, P. **Epistemologia da Geografia**. Tradução de Margareth de Castro Afeche Pimenta e Joana Afeche Pimenta. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

CHAUI, M. **Iniciação à Filosofia**. Ensino Médio/volume único. São Paulo: Ática, 2012.

DIEHL, A. A.; TATIN, D. C. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**: métodos e técnicas. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GODOY, P. R. T. (org.). **História do pensamento geográfico e epistemologia da Geografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

KIMBLE, G. H. T. **A Geografia na Idade Média**. Trad. Marcia Siqueira de Carvalho. Londrina: Editora da UEL, 2000.

MORAES, A. C. R. de. **Geografia**: pequena história crítica. 20. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

MOREIRA, R. **O que é Geografia?** 2. ed. Brasília: Coletivo Território Livre, 2009.

NICOLA, U. **Antologia ilustrada de Filosofia**: das origens à Idade Moderna. São Paulo: Globo, 2005.

RUIZ, J. Á. **Metodologia científica:** Guia para eficiência no estudo. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

